

Loucura e Racismo em Lima Barreto

Marco Antônio Arantes¹

“Se a feição, o peso, a forma do crânio nada denota quanto à inteligência e vigor mental entre indivíduos da raça branca, por que excomungará o negro? Lima Barreto – Diário Íntimo.

Resumo: O artigo destina-se a analisar a questão racial na obra de Lima Barreto e a sua articulação com o tema da loucura. Enfatiza o surgimento de um racismo biológico inteiramente centrado em torno de uma biologia de tipo racista e politicamente utilizada por intelectuais que se posicionaram no período como divulgadores e portadores de discursos de verdade sobre as raças. É importante enfatizar aqui a crítica de Barreto à historiografia da época dedicada ao estudo das teorias raciais e o desvelamento das intenções racistas das teorias eugênicas, que mediante constatações biológicas, tentavam legitimar e justificar a “inferioridade racial” dos grupos minoritários, entre eles, negros e mulatos. Ressalta-se ainda, a justificada preocupação com o preconceito racial e a escassa possibilidade de ascensão do negro na sociedade, o que motivava o uso da bebida como motivo de extravasamento da rejeição social.

Palavras-chave: Lima Barreto; loucura; teorias raciais; branqueamento; eugenia.

Introdução

Durante as primeiras décadas do século, o debate em torno do fim da escravidão e a inclusão do negro na sociedade como mão de obra livre foi tratada por muitos intelectuais brasileiros como uma questão nacional. Por meios de inflamados discursos, intelectuais e políticos expunham os prós e os contras da inserção no negro como trabalhador livre e o seu lugar na nova configuração social pós-abolição. Abolicionistas, imigrantistas, eugenistas e políticos aglutinavam em torno de si grande parte das discussões acerca das novas perspectivas de inclusão do negro na sociedade. Vivendo no Rio de Janeiro, capital que estava no centro desses debates, o romancista Lima Barreto travou como escritor e jornalista um caloroso debate com as diversas correntes e opiniões acerca da questão racial do período, problematizando teorias raciais que constituíram o ideário científico de muitos psiquiatras, médicos, intelectuais e políticos brasileiros que apresentavam propostas ao governo tendo em vista o aproveitamento ou não do negro como mão-de-obra livre assalariada. Grande parte dessas propostas eram endossadas com argumentos biológicos e conceitos raciais que afirmavam a inferioridade, o despreparo e a incapacidade dos negros libertos para o trabalho livre. Diziam ser eles

Abstract: This article is aimed at analysing the racial issue in the Lima Barreto's masterpiece as well as the involvement with the madness. The author emphasises the emergence of biological racism, which is entirely centred around a type of racist biology that was politically used by intellectuals who assumed a position as divulgers and messengers of the truth about race. It is important to point out here the Lima Barreto's criticism of the then historiography on racial theories, revealing the racist purposes of eugenic theories which used biological findings to legitimate and justify the “racial inferiority” of minority groups, among them, blacks and mulattoes. In addition, concerns about racial prejudice and the scanty possibility of ascension for black people within the society were considered, since such conditions encouraged the use of alcoholic beverage as a way of extravasating the social rejection.

Keywords: Lima Barreto; Racial theories; Whitening; Eugenia.

incapazes de organizarem socialmente em estado de liberdade como os brancos. O fato é que a Abolição da escravatura não significou uma diminuição do preconceito e da discriminação contra o negro (fato observado por Lima Barreto em romances como *“Isáias Caminha”*), mas houve um fortalecimento desses mesmos amparados agora por teorias raciais que estiveram no bojo das discussões de intelectuais como Sylvio Romero, Pereira Barreto, Louis Couty, Nina Rodrigues, Oliveira Vianna, Domingos Jaguaribe, entre outros.

A maior partes das discussões de Lima Barreto sobre questões raciais é focada no tema do preconceito e do racismo associado à escravidão. O tema do preconceito também é abordado pelo autor tendo em vista as implicações de uma aversão e uma atitude negativa em relação aos negros, manifesto em comportamentos discriminatórios e tratamentos desfavoráveis dirigidos aos mesmos. O escritor também faz um embate com a estrutura desse discurso de base biológica que acompanhou o discurso imigrantista e o projeto de branqueamento, acompanhando a sua formação como matriz para a interpretação nacional. Compõe parte de seus temas, sobretudo em romances como *“Isáias Caminha”* e *“Clara dos Anjos”*, uma profunda preocupação com as diferentes desníveis e distorções das posições sociais e reconhecimento social;

¹Mestre e Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Campus de Toledo. Linha de Pesquisa em que atua: Sociologia da Literatura. Este artigo é baseado na dissertação de mestrado “Loucura e racismo na obra de Lima Barreto”, defendida no Programa de Pós-Graduação da PUC-SP. E-mail: marcoaarantes@uol.com.br

as dificuldades de ascensão e a exclusão dos negros; a formação de estereótipos e a hierarquização social definida em termos raciais. Na verdade, com a literatura Lima Barreto buscava uma desconstrução e um desmonte de discursos, assim como uma reflexão dos valores associados ao racismo de cor.

Teorias Raciais, branqueamento e Projeto Imigrantista

A posição de Lima Barreto frente ao discurso racista coloca-se como uma crítica aos intelectuais que visualizavam a sociedade numa grande guerra entre as espécies, como se através de uma seleção biológica fosse possível selecionar os mais fortes em detrimento dos mais fracos. Do mesmo modo, ele não encara o problema racial em termos biológicos ou de pureza racial, ou entre raças hostis e raças benéficas para o corpo social, mas como instrumentalização no sentido de proteção da raça e conservação de privilégios.

A atenção dada à questão racial caracterizava-se pela relação determinista entre raça e nação, em que a pureza de uma determinaria o êxito da outra. Neste sentido, índios, negros, mestiços, imigrantes, africanos e asiáticos eram considerados biologicamente e fisicamente degenerados, constituindo um motivo de vergonha nacional, atraso, barbárie e selvageria. Na verdade, essas ideias sobre inferioridade com um sentido biológico, davam continuidade as posições assumidas por cientistas do século XIX, que tentavam provar a inferioridade dos negros africanos através de experimentos científicos com cérebros de símios e humanos.

A construção de uma imagem negativa do negro, do mestiço e do imigrante não branco, corporificava a ideia de um país doente, inculto e desqualificado em relação aos europeus, e isto era um transtorno para o encaminhamento de futuros projetos para o país.

Nos postulados teóricos que visavam salvar as raças da degeneração, figurava o pressuposto de que nada pode se esperar de um país formado por mestiços, negros e índios, que eram “incapazes” de criar uma nação semelhante aos países europeus.

Nunca é demais lembrar que, no final do século XIX, dois terços da população era formado por descendentes africanos. Nesse momento, a questão racial apresentava-se como uma temática central no debate sobre o desenvolvimento nacional. Entendendo o embranquecimento como condição necessária

ao avanço do país, o pensamento social da época apontava a centralidade do tema da raça. A imigração era entendida como uma etapa imprescindível do processo de afirmação da nação e dos nacionais. Essa compreensão do problema racial permitiu não apenas abrir as portas para o imigrante europeu, mas também determinou a forma como este foi recebido no país (...) Abolida a escravidão, não restou no debate político nacional o tema da inclusão dos ex-escravos e seus descendentes no tecido social e político da nação. Perdido sua centralidade no debate sobre o processo de trabalho nas propriedades rurais, a presença negra se esvazia como objeto de intervenções públicas que tivessem como intuito a sua inclusão. Ao contrário, compreendida como um entrave ao desenvolvimento nacional, a presença da população negra no país era percebida como um obstáculo que deveria ser superado. E a sua gradual extinção seria então realizada pela via do embranquecimento.²

Tratava-se da crença do branqueamento da raça como um componente decisivo para o desenvolvimento histórico do país, mas sem nenhuma comprovação científica.

A marca pejorativa nas etnias não brancas era identificada por grande parte dos intelectuais e políticos que defendiam uma política imigrantista como grupos minoritários tendencialmente voltados para a baderna e a desordem social, e como maiores responsáveis pela “degeneração nacional”. Os impedimentos para a autoafirmação do negro na sociedade baseavam-se na crença da sua disposição natural para a ociosidade, a vagabundagem, o alcoolismo e desordem, o que não escapou a Lima Barreto nesta passagem do autobiográfico romance *Cemitério dos Vivos*, logo após a internação do personagem protagonista Vicente Mascarenha: “Todo cidadão de cor há de ser por força um malandro, e todos os loucos hão de ser por força furiosos e só transportáveis em carros blindados.”³

Ao que concerne à estigmatização do negro na sociedade republicana do início do século, cabe assinalar que Lima Barreto sempre esteve atento à formação específica de um pensamento racista no país, cujas fontes inspiradoras advinham de importantes doutrinas europeias, entre as quais a do aristocrata francês Arthur Gobineau (1816-1882), que defendeu em “*Essai sur l'Inégalité des Races Humaines*” a “superioridade incontestável” da raça ariana, ao seu ver, a única capaz de edificar uma vida cultural.⁴ Na sua óptica

As raças negras e amarelas não tem vida,

²THEODORO, Mário. A Questão do Mercado de Trabalho e a Questão Racial no Brasil. Racismo e República: o debate sobre o branqueamento e a discriminação racial no Brasil. In: THEODORO, Mário (Org.) *As Políticas Públicas e a Desigualdade Racial no Brasil*. 120 anos após a Abolição. Brasília, IPEA, 2008. p.p. 38-39.

³BARRETO, Lima. *Cemitério dos Vivos*. São Paulo: Brasiliense. 1956, p. 152.

⁴Segundo Ernest Cassirer, Gobineau tinha uma grande tarefa pela frente, e ela “era muito mais geral e difícil. Tinha de provar que a raça é o único mestre e governante do mundo histórico; que as outras forças não passam de seus instrumentos e satélites. A nossa ideia moderna de Estado

vontade ou energia próprias. Nada mais são do que material inerte nas mãos dos seus senhores – a massa inerte que tem de receber o impulso das raças superiores (...) Negros e as raças amarelas são apenas a tela grosseira, a lã e o algodão sobre que a raça branca borda as suas teias subteis.⁵

Argumentando que uma raça somente poderia ser considerada pura se não fosse o resultado de um cruzamento racial, fazia crer que a pureza racial era exclusividade do arianos, mostrando-se desfavorável a miscigenação, por considerá-la biologicamente nociva para a continuidade da vida humana. Na visão de Gobineau, a tara de degenerescência era a característica mais comum entre os mestiços, dentro de uma imaginária escala de valores que determinaria a superioridade racial. Em sua última obra *Histoire D´Ottar-Jarl, pirate norvégien, conquérant du pays de Bray en Normandie, et de as descendance*, de 1879, Gobineau chega a triste conclusão sobre os princípios de sua teoria:

Na sua imaginação ele conjura a imagem do último homem que viverá sobre a Terra. Nessa altura, a degeneração das raças superiores será completa e terá desaparecido toda a distinção entre as diversas raças. Portanto, terá deixado de existir a princípio vivificador da história humana. Os povos, certamente, viverão em paz. Não haverá competição entre eles, mas, por outro lado, não haverá energia, nem sentido de iniciativa, nem vontade de dominar e conquistar. Os ideais igualitários da moderna demagogia terão sido alcançados. Mas a vida humana terá perdido tudo quanto a torna digna de ser vivida. Os homens viverão num estado de felicidade como um rebanho de carneiros ou uma manada de búfalos. Este período, de uma grande e satisfeita sonolência, será seguido de um período de estupor e, por fim, de completa letargia.⁶

Outra presença influente no cenário intelectual brasileiro, foi a do também francês G. Vacher de Lapouge (1854-1935), cujas considerações sobre a dolicocefalia, sustentava que os membros mais pobres de uma população tinham um índice cefálico menor que os de condição social mais elevada, determinando sua

superioridade sobre os braquicéfalos, tipo racial que acreditava ser mais freqüente entre os trabalhadores.⁷ A influência marcante destes dois intelectuais franceses, que seriam denominados por Lima Barreto como *trapalhões antropólogos e etnográficos*, refletiu-se de forma mais acentuada na bizarra tese da degenerescência genética dos negros e mestiços e na teoria da degeneração em virtude dos cruzamentos raciais que impediriam o desenvolvimento social e o progresso material do país.

Na crônica “A Questão dos Poveiros”, Lima Barreto desdenha das teorias formuladas por Otto Ammon (1898), G. Vacher de Lapouge (1896) e Arthur de Gobineau (1816), por considerarem os portugueses uma raça impura, devido a uma boa dose de sangue berbere que possuíam. Sua crítica a Gobineau atinge de frente o mito do “sangue”, que consistia na ideia de que o sangue serviria de veículo de transmissão de caracteres hereditários, sendo que cada pessoa herdaria de seu progenitor um quarto de sua natureza.

O reconhecimento pela ciência do período, de que o negro e o mestiço eram inferiores devido a composição hereditária, descartava de imediato qualquer possibilidade de reverter o seu destino inexorável, excetuando-se pela via do branqueamento. Acreditava-se que, em gerações subsequentes haveria um rápido aumento da população branca, devido os cruzamentos entre brancos e negros. Obviamente, o gene branco era colocado como biologicamente mais forte que o negro, “*comprovando a superioridade racial dos brancos*”. Da mesma forma, também pensavam na supressão da cultura negra, pois o branqueamento também significava a incorporação de uma cultura superior por uma inferior, o que era animador para os setores elitistas da sociedade. Estes pressupostos frequentavam as elites da época. Com efeito o Brasil não chegaria ao mundo “civilizado” como uma população negra e mestiça. Acreditava-se nessa época que a imigração/miscigenação contribuiria para o embranquecimento. O Rio de Janeiro talvez seja o exemplo melhor acabado da época. Final do século XIX e início do XX. Há que se branquear a população já que o resultado da presença negra redundou numa “população inferior física e culturalmente”. Era uma vergonha para o país. Esta é a chave para se entender Gilberto Freyre. O Brasil dos anos 1930 é aquele que deixa de ter vergonha

Totalitário era inteiramente desconhecida de Gobineau. Se a tivesse conhecido, teria protestado veementemente contra ela. Mesmo o patriotismo era para ele um mero ídolo e preconceito. Contudo, embora oposto a todos os ideais nacionalistas, Gobineau pertence àquela categoria de escritores que, de forma indireta, mais fizeram para preparar o caminho ao Estado Totalitário.” Ao seu ver “A raça é tudo; todas as outras forças nada são. Não tem significado nem valor independente. Se algum poder possuem, esse poder não é autônomo. É um poder que lhes foi delegado pelo superior e soberano: a raça onipotente.” CASSIRER, Ernst. *Do Culto do Herói ao Culto da Raça: o Essai sur L´Inégalité des Races Humaines*, de Gobineau. In: CASSIRER, Ernest. *O Mito do Estado*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1961, p. 286.

⁵Idem, p. 280.

⁶Idem, p. 302.

⁷Segundo Gilberto Freyre, esta teoria seria contestada na própria escola de onde havia sido formulada: “Hertz mostrou recentemente, baseado em pesquisas de Nystrom entre quinhentos suecos, que naquele viveiro de dólico-louros os indivíduos das classes mais altas eram em grande maioria braquicéfalos.” FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1978, p. 294.

da herança africana e indígena para colocar um sinal positivo na sua população miscigenada. Da vergonha passamos ao orgulho ao nos tornarmos mais brancos.

A posição determinista sobre raça alegava que o país tornar-se-ia poderoso e respeitável somente se fossem intensificadas medidas de higienização social da raça (posição defendida por eugenistas e pelos defensores do imigrantismo), o que forçosamente colocava o negro e os mestiços em uma posição pouco aceitável no espaço social. Tanto os mestiços como os negros estavam longe do ideal de pureza de raça exigido para a formação de uma nação forte e soberana, o que enraizou um sentimento de hostilidade e desprezo por estas etnias.

O negro aparece sempre como uma presença incômoda, exceção, peça exótica e fora do lugar. Tão fora de lugar, que obriga a moda a cometer verdadeiros malabarismos para atendê-lo. E quando não é discriminado como exótico, o negro aparece fatalmente ligado à periculosidade e ao mundo do crime.⁸

Entre alguns intelectuais de peso do período era explícita o desprezo ao negro como ocorre por exemplo com Sylvio Romero, Pereira Barreto, Domingos Jaguaribe, Louis Couty e Tavares Bastos, sendo que o primeiro defendia abertamente a continuidade da escravidão, pois ele “era incapaz, não-civilizado, sem noção de liberdade, a escravidão deveria continuar até que tivesse sucumbido no terreno econômico pela concorrência do trabalho livre personificado pelo imigrante europeu.”⁹ Quanto a Tavares Bastos, uma de suas ideias referentes ao destino do negro, recaía na necessidade de substituir o negro em todos os setores da sociedade, seja no âmbito rural, seja no urbano, de preferência por norte-americanos, povo que considerava uma referência em termos de liberdade e desenvolvimento econômico.¹⁰

Para esses intelectuais a presença do negro poderia representar um retrocesso em termos econômicos, assim como um retrocesso em termos raciais. Daí a necessidade de renovar a população com imigrantes europeus. Colaboraria para isto, a ideia corrente que reconhecia os negros como cidadãos de segunda classe, corpos residuais duma fictícia nação pura. Destarte, o termo “civilização” na óptica de Lima

Barreto não passaria de um termo ambíguo, pois como pensar em civilização em termos coesos, quando considerava-se os mestiços biologicamente inferiores?

A civilização, a não ser que marchasse para o livre entendimento de todos nós, para o apoio mútuo das nossas necessidades, sem desejos de lucro, de riqueza e propriedade – a civilização me pareceu sem sentido.¹¹

A importância dada à inferioridade racial compõe também o que Foucault¹² denominou de biopolítica, no qual a raça aparece como perigo biológico e imediatamente uma inimiga política em potencial.

Contrariando esse tipo de determinismo biológico, Lima Barreto problematizaria teorias raciais como tolices científicas adaptadas à imediata realidade local. De fato, o próprio escritor, destoando dos pressupostos de teorias raciais, mostraria a importância do negro para a cultura brasileira. Em uma carta endereçada ao sociólogo francês Célestin Bouglé, o romancista enaltece escritores mulatos do período em que viveu:

Ao ler o seu belo livro, observei que o senhor está a par das coisas da Índia e pouco sabe sobre os mulatos do Brasil. Nas letras brasileiras, já florescentes, os mulatos ocuparam lugar de destaque. O maior poeta nacional, Gonçalves Dias, era mulato; o mais erudito dos nossos músicos, espécie de Palestrina, José Maurício, era mulato; os grandes nomes atuais da literatura – Olavo Bilac, Machado de Assis e Coelho Neto – são mulatos.¹³

No artigo “Elogio ao Amigo”, escrito para o poeta Nestor Vitor, afirma:

Nestor é bem um amigo dessa forma, porque ele o soube ser de um pobre preto que teve audácia de fazer versos, e foi excomungado por ser preto e fazer versos, como se neste país todos nós não fossemos mais ou menos pretos e todos nós não fizéssemos versos.¹⁴

Boa parte das discussões raciais girava em torno da defesa da política imigrantista que se desdobrava na teoria do branqueamento. Nesse sentido, branquear o país significava também buscar o progresso e o desenvolvimento do país. Com isso, é deixado de lado a

⁸VELLOSO, Mônica Pimenta. *As Tradições Populares na Belle Époque Carioca*. Rio de Janeiro: Funarte, 1988, p. 17-18.

⁹AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda Negra, Medo Branco: o negro no imaginário das elites – século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 70.

¹⁰Segundo Célia Azevedo “Tavares Bastos não desanimava de seus intuitos imigrantistas. Muito afeiçoado aos Estados Unidos, ele encontrava naquele país recém-saído de uma guerra civil um celeiro ideal de imigrantistas: os fugitivos sulistas, senhores escravistas arruinados pela derrota de 1865. Ele esperava que a imigração de homens dotados de recursos e de inteligência iniciais com a parceria, obstaculizadas pela ação de imigrantes suíços que, em sua opinião, não passavam de vagabundos, condenados, enfermos e velhos” AZEVEDO, idem, p. 66.

¹¹BARRETO, LIMA. *Aventuras do Doutor Bogoloff*. Porto Alegre: Gráfica Editora Brasileira, 1950, 225.

¹²FOUCAULT, Michel. *Genealogia do Racismo*. Lisboa: Editora Altamira, 1996.

¹³BARRETO, Lima. *Correspondência*. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 158.

¹⁴BARRETO, Lima. *Impressões de Leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 140.

discussão em torno da integração do negro na sociedade pós-abolição e se instituiu oficialmente o negro como um homem livre marginalizado.¹⁵

Nesse sentido, observa-se uma preocupação em fixar um padrão biológico de civilização, e para isso era necessário incluir propostas e cobranças para a regulamentação de uma política imigratória no país que atraísse raças mais inteligentes e ativas da humanidade, tal como defendia o abolicionista André Rebouças.¹⁶ Em sua obra “Onda Negra, Medo Branco”, Célia de Azevedo lembra que Joaquim Nabuco apontava para as características negativas do negro africano, muitas das quais adquiridas durante a escravidão.

o desenvolvimento mental atrasado, seus instintos bárbaros, a fusão do catolicismo com a feitiçaria, a ação das doenças africanas sobre a constituição física de parte de nosso povo e a corrupção da língua, das maneiras sociais, da educação, foram grandemente acentuadas pela escravidão.¹⁷

A principal preocupação era com os cuidados que o governo deveria tomar com a suposta entrada de imigrantes de “etnias degeneradas”. Isso se devia a mentalidade paradoxal do período que associava escravidão e inferioridade racial, tal como ocorre no pensamento de Joaquim Nabuco e Tavares Bastos, este último considerado um dos principais ideólogos do Império. Nesta visão, o negro é estigmatizado como empecilho para o desenvolvimento do país devido a sua inferioridade racial e também por ter sido escravo durante boa parte de sua vida, sem levar em conta o tratamento desumano do regime escravocrata. Se por um lado o autor aponta a irracionalidade da escravidão e a forma negativa como agiu sobre nós, por outro lado culpabiliza os negros por terem se tornado pessoas ociosas, vagabundas e inaptas ao trabalho livre. Nesse ponto Louis Couty radicaliza o discurso racista ao afirmar a recusa do negro para o trabalho, a sua vagabundagem e a tendência para a criminalidade e para o alcoolismo.¹⁸

Para os defensores do imigrantismo, interessava sobretudo a introdução do imigrante ideal, aquele capaz iniciar um processo de progresso e civilização. Pensava-se também em uma purificação da raça e num aperfeiçoamento da raça, o que para o médico e político

Domingos Jaguaribe poderia ser resolvido com a imigração de alemães para o Brasil. Nessa profusão de teorias desfavoráveis aos negros, abriam-se oportunidades para o branco europeu e fechavam-se portas para os negros. O fato é que a influência dessas teorias raciais teve um impacto determinante na mudança de mentalidade em relação a integração social e o aproveitamento do negro livre como trabalhador assalariado, criando uma perspectiva negativa que apontava a necessidade do negro ser substituído pela mão de obra do imigrante europeu.

Proclamação da República e Abolicionismo

Mesmo considerando o 13 de maio como data “sagrada” na história do negro, Lima Barreto tinha plena consciência que a abolição da escravatura tinha instaurado uma igualdade sem bases sólidas, continuando o negro ainda a ser tratado como cidadão de segunda categoria, um inimigo da democracia e da ordem social.

Estamos em maio, o mês das flores, o mês sagrado pela poesia. Não é sem emoção que o vejo entrar. Há em minha alma um renovamento; as ambições desabrocham de novo e, de novo, me chegam revoadas de sonhos. Nasci sob o seu signo, a treze, e creio que em sexta-feira; e por isso, também a emoção que o mês sagrado me traz, se misturam recordações de minha meninice. Agora mesmo estou a lembrar-me que, em 1888, dias antes da data áurea, meu pai chegou em casa e disse-me: a lei da abolição vai passar no dia de teus anos. E de fato passou; e nós fomos esperar a assinatura no Largo do Paço.¹⁹

Pelo seu valor simbólico, o 13 de maio representava para Barreto a fonte inspiradora de redenção do negro contra a opressão, após quatro séculos de escravidão. A data da abolição da escravatura contrastaria com outra data histórica: o 15 de novembro de 1889. O fato é que as principais leis abolicionistas (A Lei do Ventre Livre, A Lei dos Sexagenários e a Lei Áurea) foram realizadas por políticos conservadores do Império, com a omissão dos republicanos.²⁰ No mais, o 15 de Novembro não tinha base de sustentação popular, sendo

¹⁵Para Mário Theodoro, “O mercado de trabalho livre no Brasil foi, assim, moldado por uma política de imigração, cuja perspectiva era mais do que uma simples estratégia de substituição de mão-de-obra. A imigração, favorecida por taxações e subvenções, em detrimento da mão-de-obra nacional, era parte de um projeto de nação que tinha no embranquecimento uma de suas mais importantes estratégias. O mercado de trabalho nacional nasceu, assim, dentro de um ambiente de exclusão para com uma parte significativa da força de trabalho. Criando dessa forma o trabalho livre, criaram-se também no país condições para que se consolidasse a existência de um excedente estrutural de trabalhadores, aqueles que serão o germe do que se chama hoje “setor informal.” THEODORO, op. cit., p.39.

¹⁶AZEVEDO, op. Cit.,

¹⁷Idem, p. 98.

¹⁸Idem.

¹⁹BARRETO, Lima. *Feiras e Máfuas*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 255.

²⁰Segundo Célia de Azevedo, a Lei do Ventre Livre amadureceu a ideia favorável a política imigrantista no Oeste de São Paulo, por ser tratar de uma lei que alterou as atitudes psicossociais no cotidiano de dominantes e dominados. Vale lembrar que nos últimos anos de escravidão eram “os próprios

que a maior parte da população do Distrito Federal, quando viu o desfile dos soldados comandados pelo General Deodoro Fonseca, pensou que se tratava de uma simples parada militar. Para José Murilo de Carvalho, o comportamento indiferente da população do Rio de Janeiro durante a Proclamação da República, explica-se pelo fato

que o formal não era sério. Não havia caminhos de participação, a República não era para valer. Nessa perspectiva, o bestializado era quem levasse a política a sério, era o que se prestasse à manipulação. Num sentido talvez ainda mais profundo que os anarquistas, a política era tribofe. Quem apenas assistia como fazia o povo do Rio por ocasião das grandes transformações realizadas à sua revelia, estava longe de ser bestializado. Era bilontra.²¹

A Abolição e a República, portanto, tornam-se pontos extremos para Lima Barreto, uma identificada aos valores de liberdade, emancipação, afirmação e solidariedade, e a outra identificada com a plutocracia, a corrupção, os latifúndios e os valores retrógrados. O fato é que

a abolição também coincide com o nascimento da República (1889) e com a disseminação das ideias de igualdade e cidadania que lhe são associadas (...). Efetivamente, a República não foi capaz de promover ações em defesa da ampliação das oportunidades da população negra. A formulação e consolidação da ideologia racista ocorrida nesse período permitiu a naturalização das desigualdades raciais que foram, assim, reafirmadas, em um novo ambiente político e jurídico. Não mais separadas pelo direito de propriedade, pela história, religião ou cultura, as raças se separariam por desigualdades naturais. Somente um país branco seria capaz de realizar os ideais do liberalismo e do progresso.²²

Vale lembrar que Barreto não se ateve ao sentido reformista do movimento abolicionista, aos quais se mantinham dentro da legalidade institucional com a intenção de evitar conflitos violentos, como fica evidente na obra e discursos de líderes abolicionistas como Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa, André Rebouças e José do Patrocínio.

Sempre fui contra a República. Tinha sete anos e vinha do colégio primário, do grande colégio de que me lembro sempre com ternura e cheio de saudades da minha boa professora, Dona Teresa Pimentel do Amaral, quando me disseram que se havia proclamado a República.

Não tinha naqueles tempos outras cogitações que não fossem a de glória, a da grande, imensa glória, feita por mim sem favor, nem misericórdia, e vi a tal República, que tinha sido feita, espalhava pelas ruas soldados embalados, de carabinas em funeral. Nunca mais a estimei, nunca mais a quis. Sem ser monarquista, não amo a República.

João Ribeiro disse-me, certa vez, que a República era a cultura parda; pois sou como o Senhor João Ribeiro; nunca houve anos no Brasil em que os pardos; os malditos do seu Haeckel fossem mais postos à margem.²³

A ideia abolicionista de que a sociedade brasileira não abrigava preconceitos e que sabia contornar o racismo através do branqueamento da pele não foram argumentos suficientes para convencê-lo de que o país não discriminava negros. Em uma carta escrita ao escritor Veiga Miranda, observaria:

Quanto ao preconceito de cor (é a segunda observação), diz o senhor que ele não existe entre nós. Houve sempre uma quizília que se ia fazendo preconceito quando o senhor Rio Branco tratou de “eleganciar” o Brasil. Isto não se prova, sei bem; mas se não tenho provas judiciais, tenho muito por onde concluir.²⁴

A crença abolicionista que o país poderia tornar-se mais branco e biologicamente mais aprimorado, não o impediria de reconhecer a Abolição como movimento intelectual em favor da liberdade dos negros, porém, estava consciente que mesmo após a escravidão ter desaparecido, ainda persistia um mandonismo estreito, que segundo Florestan Fernandes, expurgava o negro para os porões da sociedade.

A Abolição não aumentou em nada as probabilidades de participação econômica, social, cultural e política do elemento negro. Ela foi uma revolução do branco para o branco e, nesses limites, manteve intacto o padrão assimétrico de relação racial e as desigualdades raciais, institucionalizadas ou não.²⁵

senhores que falavam em liberdade e, acatando ou discordando da ideia de extinção da escravidão, o fato é que o regime sofria com isso um sério revés, na medida em que perdia a legitimidade de um mecanismo legal tido por absoluto durante séculos. Também pode-se pensar como se sentiriam ludibriados os pais que viam seus filhos nascerem livres e não obstante crescerem como escravos, a serviço dos mesmos senhores e sem nenhuma distinção do tratamento.” AZEVEDO, op. cit., p 115-116.

²¹CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados* – O Rio de Janeiro e a República que não Foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 160.

²²JACCOUD, Luciana. Racismo e República: o debate sobre o branqueamento e a discriminação racial no Brasil. In THEODORO, op. Cit., p. 48.

²³BARRETO, Lima. *Coisas do Reino de Jambom*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p.p. 79-80.

²⁴BARRETO, Lima. *Correspondência* Tomo II. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 24.

²⁵FERNANDES, Florestan. *A Sociedade Escravista no Brasil*. In: *Circuito Fechado: quatro ensaios sobre o poder institucional*. São Paulo: Hucitec, 1979, p. 78.

Para Lima Barreto soava-lhe falso, por exemplo, o discurso do abolicionista José do Patrocínio, acusando-o de promover a própria imagem, beneficiando-se quando muitos já estavam conscientes da injustiça da escravidão. Patrocínio, que mesmo sendo descendente de africanos, não deixou de reconhecer a importância de algumas teorias raciais de sua época que apontavam a inferioridade do negro. O mesmo pode-se dizer em relação ao seu posicionamento contra a imigração de chineses ao Brasil, por considerá-los incompatíveis com a nossa nacionalidade.

Quem conheceu o Patrocínio como eu conheci, lacaio de todos os patoleiros, alugado a todas as patifarias, sem uma forte linha de conduta nos seus atos e nos seus pensamentos, não acredita que pudesse ter sido, como dizem, o apóstolo da Abolição.

Necessariamente, ele se serviu da coisa como um meio de facilmente arranjar dinheiro, explorou-a em seu proveito, na parte pecuniária e na parte gloriosa. Isso ele o fez com o máximo interesse e a máxima baixeza. Eu sei bem que baixos móveis levam a altas coisas, mas isso não se deu com o Patrocínio.

A lei de 13 de maio vinha de longe, era convicção da nação a injustiça da escravidão, não precisava jornalistas nem evangelizadores para mostrar-lhes a injustiça (...). E, quando já era quase universal no Brasil esse amargo sentimento, é que apareceu seu Patrocínio que, sem hostilidade e sem grandeza, aproveita-se da história e, pelo jornalismo, consegue ser elevado à altura de um apóstolo, de um evangelizador.²⁶

Não é possível assinalar apenas um único discurso de Lima Barreto sobre o racismo. Em outras anotações do autor, a temática do racismo é tratada em sua forma introspectiva, quase sempre associando o cotidiano com o passado escravista. Um bom exemplo disso é a anotação feita em 10 de fevereiro de 1908 em seu "Diário Íntimo", quando relata uma viagem de trem para São Gonçalo, de onde avista uma casa abandonada com "muro caído e aberturas fechadas com cercas de bambus", cena que lhe serviria de motivo para fazer uma pequena reconstituição da sociedade patriarcal escravista, que seus avós tinham vivido. Já na crônica "Esta Minha Letra", o autor narra como se apaixonou por uma moça que se sentara no banco ao lado "durante uma

viagem de trem ao subúrbio. A menção sutil da existência de uma sociedade racista e segregada, aparece configurada na frase final "amor de caboclo". Nesta crônica, o respeito por uma mulher, de alguma maneira, confunde-se com a submissão: "Olhei-a com o temor com que sempre olho as damas, e continuei a mastigar as minhas mágoas."²⁷

Por fim, em uma anotação feita no "Diário Íntimo", de 5 de janeiro de 1908, o autor cria uma imagem metaforizada do racismo e da prostituição, ao desenvolver o diálogo com a prostituta Cecília, sua amante portuguesa. Na pequena narração, o desvalimento social do negro e da prostituta, aparece como um foco de atração sexual, de forma que a rejeição social do "somos iguais em desgraça", cede lugar ao desejo sexual.

Nunca mais hei de me esquecer desta frase: – Senhor Barreto, M,...não está. O senhor janta e depois vai se embora, não é?(...)No jantar, nunca foi tão cordial a nossa palestra. – Não faça cerimônia, senhor Barreto. Gosta de feijão? – Muito, e a senhora? – Muito também. – Admira. – Os portugueses gostam... – O feijão tem coisa, disse eu, é feio... – Mas é gostoso, acrescentou ela alegre, e como muita gente feia, mas gostosa.²⁸

Dentre as influências caras ao escritor, está a do filósofo Hippolyte-Adolphe Taine, sendo a mais contundente expressa na construção do personagem principal do romance "Recordações do Escrivão Isaias Caminha". Segundo Taine, a criação artística dependia estritamente da raça, do meio e do momento histórico. Na obra de Lima Barreto, estas ideias manifestam-se no fim trágico dos personagens barretianos (vide Clara dos Anjos) e no desencantamento de seus sonhos, ocasionados pela pressão do meio social. O choque contra a sociedade desenha-se no romance ao caracterizar o protagonista como de origem interiorana, o que acentua as reações de desajustamento do personagem, que reclamava da *desigualdade de nível mental do meio familiar*. O fato é que Taine acreditava, assim como os eugenistas brasileiros, que a raça era o caráter interno e principal do povo e, mais ainda, de que a raça trazia consigo *disposições inatas e hereditárias*, que determinariam a sua superioridade ou inferioridade.²⁹ Quanto à influência do meio, Taine defendia a tese que as diferenças raciais poderiam ser explicadas pelo

²⁶BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*, In: *Um Longo Sonho do Futuro*. Rio de Janeiro: Graphia, 1993, p. 61.

²⁷BARRETO, Lima. *Feiras e Mafuás*. São Paulo: Brasiliense, p. 297.

²⁸BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*, In: *Um Longo Sonho do Futuro*. Rio de Janeiro: Graphia, 1993, p. 83.

²⁹Para Pietra Diwan, os eugenistas brasileiros pretendiam entre outras coisas "curar um país enfermo. Para tornar o Estado saudável, seria necessário extirpar todos os resquícios de nossa miscigenação. Civilizar nossa herança indígena, roubada pelos portugueses, e branquear nossa herança negra, desprezada após a abolição da escravidão, em 1888 (...) Os eugenistas surgiram no efervescer desses conflitos e tinham propostas e soluções para curar o Brasil. Muitos eram os caminhos dessa limpeza: o branqueamento pelo cruzamento, o controle de imigração, a regulação dos casamentos, o segregacionismo e a esterilização. É importante ressaltar que a eugenia abraçou todas essas correntes." DIWAN, Pietra. *Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no Mundo*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 92.

determinismo climático, político e social e, por último estabelecia que o momento (a herança cultural adquirida), seria fator determinante para a feitura literária ou criação da arte em geral. Lima Barreto foi testemunha infeliz destes preceitos deterministas, mas estranhamente utilizou-se das mesmas ideias para mostrar que o meio, a raça e o momento histórico poderiam explicar o desajustamento social dos negros e mulatos, nos primeiros anos após a abolição. O que o autor propõe, é compreender o racismo em todo o seu contexto social e por meio dele interpretá-lo. Neste sentido, a figura individual jamais é desvinculada do tecido da sociedade, da dependência individual para com os demais.

O meu fim foi fazer ver que um rapaz nas condições do Isáias, com todas as disposições pode falhar, não em virtude de suas qualidades intrínsecas, mas batido, esmagado, prensado pelo preconceito com o seu cortejo, que é, creio, coisa fora dele.³⁰

Há aqui um vínculo claro entre raça e meio social, entretanto, numa inversão sutil das teorias eugênicas, pois não seria o biológico que determinaria o social, mas o social que condicionaria a perpetuação das diferenças raciais. Lima Barreto aproveita-se desse mito grego da Túnica de Néssus³¹ para alegorizar, na pele de Isáias Caminha, o desencanto do personagem com a honestidade profissional, para encontrar no dinheiro e no *status* uma forma de felicidade enganosa, numa menção à felicidade ilusória oferecida a Dejanira, que tenta resgatá-la ao colocar em Hércules a túnica de Néssus:

Lima Barreto, escritor militante e ardoroso, também se consumiu generosamente na chama do próprio ideal de conscientização. Isáias, que o representa, igualmente se exaure, aplicado ao compromisso quase didático de mostrar a todos como funcionam certas engrenagens matreiras do poder(...) Lembremo-nos que aquele semideus famoso dedicou sua vida à causa dos fracos e dos povos oprimidos pelos monstros que atormentavam os países do mundo(...) Lima Barreto soma a força da sua própria denúncia à

do escrivão-escritor. Juntos conseguem energia hercúlea para levantar muitas provas contra a sociedade, incriminando-a e avisando os incautos da sua capacidade de fazer calar os homens de consciência desperta como Isáias que, entretanto, vestirá a sua túnica traiçoeira.³²

Neste ponto, o autor dá a entender que o "sucesso profissional" de Isáias, poderia ser um fator de branqueamento social do personagem, podendo ocorrer pela via matrimonial, como pela via profissional, e não pela regeneração biológica.

Ele se casou com uma rapariga branca, como o senhor supôs. Aceito e explico por diversos motivos a) para que os filhos saíssem mais brancos que ele b) porque, devido as coisas sociais, os pais não se esmeram na educação das raparigas de cor, e não encontrou uma na altura de sua delicadeza.³³

O tema que permeia a segunda parte do romance³⁴ enfoca a ascensão social de Isáias Caminha na repartição do jornal. A forma obsessiva como é tratado o assunto, levanta questões relacionadas à tentativa de superação do preconceito social a partir da instrução superior do personagem. Em face disto, essa mesma instrução remeteria a outro tema, o das relações entre preconceito e condição social, e o distanciamento intelectual das pessoas da mesma classe racial ou social.³⁵ Em primeiro lugar, estaria manifestando o seu desejo pessoal de ascender socialmente pelos méritos literários, que no caso de Isáias se reconhece pela instrução superior? Como observou Carmem Lydia Dias, o autor parece *resvalar, às vezes, para o ponto de vista de um branco* que igualmente aspira aos mesmos objetivos. Segundo Florestan Fernandes, a ascensão social de negros e mulatos no limiar da República, deve-se ao fato de que

A aquisição e a melhoria paulatinas de meios estáveis de ganho tendem a criar condições favoráveis à absorção do negro e do mulato na ordem social competitiva. Aos poucos, ambos deixam de ficar à margem da vida social

³⁰BARRETO, Lima. *Correspondência* Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 239.

³¹Em termos alegóricos, o escritor inspira-se no mito grego da Túnica de Néssus, que é anteposto em "Breve Notícia", e que seria o equivalente eugênico da "superação" da "inferioridade biológica" de Isáias, que retornaria à pacata e obscura terra natal, realizado por "*vencer na vida*" como jornalista na capital. Nesta mitologia, Néssus é um centauro astuto e traidor que se apaixona pela esposa de Hércules, Dejanira. Hércules, ao saber das intenções de Néssus, o mata. Porém, no último suspiro, Néssus entrega a Dejanira uma túnica envenenada, afirmando que caso Hércules a traia, a túnica pode ser benéfica se vesti-la em Hércules, para salvar o amor entre os dois.

³²DIAS, Carmem Lydia de Souza. O outro trabalho de Hércules, In: prefácio de *Recordações do Escrivão Isáias Caminha*, São Paulo: Ática, 1995, p. 10.

³³BARRETO, Lima. *Correspondência* Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 239.

³⁴O seu romance de estreia se divide em duas partes, na parte inicial, o autor trata de temas "inocentes" como o racismo, o doutorismo e a política republicana e, na segunda parte, revigora a carga temática, fazendo uma crítica mordaz e cáustica à vida literária e jornalística.

³⁵Alguns autores interpretam este aspecto como uma manifestação do bovarismo do escritor. É fato notório que a obra *Le Bovarysme*, de Jules de Gaultier, exerceu alguma influência no escritor. Na interpretação de Lima Barreto, o bovarismo seria uma evasão e um falseamento da realidade, em outras palavras, seria a capacidade do homem de conceber-se como um outro que não é, ou seja, trata-se "de uma imitação, seja social, seja psicológica, compreendendo duas tendências: uma, o homem procura conformar-se com a ordem vigente e comportar-se como os seus semelhantes; outra, ultrapassa o comportamento aceito e inclina-se para a invenção, para o comportamento inusitado." ALEX, Anoar. *As Ideias Sócio-literárias de Lima Barreto*. São Paulo: Vórtice, 1990, p. 30.

organizada e logram classificar-se no sistema vigente de classes sociais.³⁶

Ao enfatizar as qualidades de Isáias e ao mesmo tempo a negação delas pelo meio, o autor retoma no personagem uma de suas temáticas preferidas: o doutorismo. Neste caso, ser doutor significava ultrapassar “a vulgaridade inerente da raça”, superar as limitações do nascimento humilde e “espúrio” e, por último, seria o elemento redentor na conquista da igualdade sufocada pelo preconceito. Isto talvez explique o orgulho de Isáias pelas virtudes íntimas, esperando compensar a desvantagem de possuir um fenótipo de “tipo inferior”, que até então era visto como um obstáculo para sua aceitação social.³⁷ É como se o personagem absorvesse um elitismo imitado do branco e se submetesse a um embranquecimento psíquico, moral e social, para ser aceito na sociedade. Daí a maneira exagerada de valorizar a instrução e a competência profissional, os vários traços pessoais que caracterizariam um concepção elitista da vida e do mundo

...A minha sensibilidade, portanto, estava cultivada e tinha a delicadeza extrema que se ajuntava ao meu orgulho de inteligente e estudioso, para me dar não sei que exaltada representação de mim mesmo, espécie de homem diferente do que era na realidade, ente superior e digno a quem um epíteto daqueles feria como uma bofetada³⁸

A visão egocêntrica desdobra-se em uma visão negativa, paternalista, fatalista ou mesmo elitista, quando refere-se às “pessoas de cor” pouco instruídas, parecendo-lhe que as mesmas tivessem a tendência inata para a inferioridade social. Transparece a influência de Taine neste ponto controverso e contraditório do romance: ao pretender fazer uma literatura militante, nos moldes de Taine.

Lima Barreto pensava basicamente em *reformular a sociedade e a humanidade* e conscientizar os mesmos indivíduos que considerava acrílicos e com pouca capacidade de discernimento. Grande parte de seus personagens militam, mostram-se predestinados a aproximar ou conscientizar o leitor para as urgências de seu tempo. Na verdade, isto implicava num dilema para Lima Barreto, pois embora se aproximasse literariamente das camadas populares, na vida real sentia-se

intelectualmente excluído delas. Com a literatura militante, Lima Barreto esperava atingir um vasto público, e comunicar os valores éticos que imaginava serem os mais dignos para a sociedade.

Se na questão racial, o escritor mostrava-se confuso e contraditório em seu romance de estreia, o mesmo não pode ser dito de suas considerações a respeito das teorias racistas que se formaram especificamente a partir do século XIX, na Europa Ocidental. Em seus escritos literários, em artigos de jornais e nas anotações esparsas de seu diário, preocupava-se em debater abertamente o racismo, refutando interpretações abusivas e teorias biologizantes, que muitas vezes deixavam transparecer os preconceitos dos próprios autores. A sua postura é contrária a teorias em que o negro e o mestiço eram considerados não apenas degenerados e patológicos inatos, mas também inimigos de classe e inimigos raciais dos brancos.

A temática do racismo em Lima Barreto estende-se em obras como “Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá”, cuja topografia do Rio de Janeiro, serve-lhe como motivo de defesa autóctone da raça.³⁹ “Eu sou Sá, sou o Rio de Janeiro, com seus tamoios, seus negros, seus mulatos, seus cafuzos e seus “galegos” também...”⁴⁰

Gonzaga de Sá era um perambulador filosófico, *o homem criação deste lugar*, e detratava a paisagem presente do Rio de Janeiro para comunicar-se pelo passado. Gonzaga desconcertava-se frente ao progresso republicano, por considerá-lo brutal e segregacionista, e por empurrar os negros e mulatos para o menosprezo e ostracismo. Neste ponto, o Rio Antigo (entenda-se monárquico), seria o modelo exemplar de convivência amistosa entre várias etnias, processo interrompido pelo projeto regenerador “Rio Civiliza-se”. Ademais, Gonzaga irritava-se com a aceitabilidade das teorias racistas por alguns segmentos da população e, neste sentido, o personagem posta-se numa posição ofensiva, mostrando-se inconformado com a proliferação de teorias que substanciavam a segregação na sociedade.

– Ultimamente, disseram que os feitos de sentir eram tão diferentes em cada raça humana, que era o bastante para fazer não se entendessem elas... Que há, de fato, mais de um sentir, de um pensar, para cada raça, etc, etc. Ora, em face do nosso povo, tão variado, eu tenho reparado que nada há que as separe profundamente. E nós nos entenderíamos e preencheríamos

³⁶FERNANDES, Florestan. *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*. São Paulo: Ática, v.1, 1978, p. 160.

³⁷Esta mesma ideia está presente no romance Gonzaga de Sá, quando Gonzaga tenta redimir seu compadre Romualdo das humilhações passadas, fazendo de seu afilhado Aleixo Manuel, um doutor respeitado.

³⁸BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isáias Caminha*. São Paulo: Ática, 1995, p. 59.

³⁹A aproximação da paisagem com o tema do racismo, já havia sido observada por Alfredo Bosi em seu ensaio *As Letras na Primeira República*, ao analisar às primeiras páginas de Isáias Caminha: “Essa luz que ilumina desigualmente as coisas, esse contraste do baço e do vivo, essa pele doente que ainda tem rebentos de vida, pertencem a uma descrição encaixada, mas a transcendem, tocando a motivação social do personagem.” BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Editora Cultrix, 1994, p. 310.

⁴⁰BARRETO, Lima. *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá*. Belo Horizonte: Garnier, 1990, p. 37.

facilmente o nosso destino, se não fora a perturbação que trazem os diplomatas viajados, acovardados diante da opinião americana, querendo deitar esconjuros e exorcismos...⁴¹

Nota-se que Lima Barreto demonstrava um interesse especial em relação ao tratamento destinado aos negros americanos, principalmente depois de liquidada a escravidão, com o intuito de criticar os intelectuais que comparavam a realidade racial americana com a brasileira, visando justificar o branqueamento. Para esses intelectuais, o branqueamento apresentava-se como uma maneira de evitar conflitos raciais, no entanto,

...a comparação com os Estados Unidos era embaraçosa para os brasileiros. Se o branqueamento fosse solução para o problema racial, então por que não estavam os Estados Unidos em melhor situação, uma vez que sua população branca já estava em tal superioridade numérica?⁴²

O caso americano é ilustrativo ao mostrar que o racismo esteve muitas vezes associado à loucura. Um exemplo desta associação, seria o ensaio "Report on the Diseases and Physical Peculiarities of the Negro Race", de Samuel Cartwright, publicado em 1851. Cartwright defendia a bizarra tese de que o impulso de um escravo para a fuga e sua recusa ao trabalho, seria um sintoma de uma doença mental, de nome *Dysaesthesia Aethiopsis*. O sentido protecionista desta teoria mostra que

o médico se alia com a moral dominante dos indivíduos mais poderosos da situação, os brancos proprietários de escravos (...) Rotula como doente o comportamento de indivíduos, politicamente debilitados, que perturbaram as pessoas politicamente mais poderosas.⁴³

Grande parte das reflexões do escritor sobre o racismo buscava revelar as relações de saber-poder que estavam por detrás das teorias racistas e que eram instrumentalizadas politicamente na função tática e local de conservação de posições privilegiadas. O racismo passa a ser uma importante estratégia discursiva, por meio do qual se procura apreender a hierarquização dos indivíduos em torno de um feixe de poder que exclui e intercepta. Tais discursos, acumulam-se e dispersam-se entre diferentes instituições e indivíduos, diversificando-se em suas formas e desdobrando-se em uma complexa

rede de poderes. Em suma, não se trata de uma denúncia contra o racismo, mas de como ocorreram variadas transformações no discurso racista e no uso do mesmo na formulação e reformulação de teorias baseadas na inferioridade e superioridade racial.

Eugenia

Lima Barreto também questiona alguns pressupostos da eugenia do período e a utilização da Antropometria como critério de superioridade de uma raça. O fato é que com a eugenia houve um refinamento sutil dos modelos teóricos racistas, sobretudo quanto à Antropometria. Mas se a eugenia ainda oferecia a chance de "salvar" a raça através do branqueamento, com a antropometria, não restava outra saída senão acatar a degenerescência como irremediável e irreversível, pois sua "infallibilidade" consistia em pesar, comparar e tirar medidas do corpo humano no intuito de "comprovar" a inferioridade de pessoas não brancas. A "técnica apurada" da Antropometria não deixava de ser tão bizarra quanto a eugenia e, talvez perdesse em bizarras para a teoria que colocava o acentuado prognatismo dos negros como fator de "inferioridade racial".

Quanto à ineficácia dos instrumentos utilizados nas mensurações antropométricas, Lima Barreto observou na crônica "Considerações Oportunas" que:

Além de tudo, os instrumentos de observação, inclusive nós mesmos, são sujeitos a erros e dependem de tantas circunstâncias para nos darem relativa certeza, que já alguém perguntou o que seria da bacteriologia se a nossa óptica aqui ou ali estivesse errada.⁴⁴

O escritor menciona esta técnica como parte de uma absurda teoria científica, pois não acreditava que a capacidade intelectual da pessoa pudesse ser medida pelo tamanho e peso de seu cérebro. Muito menos considerava as variações cerebrais como a forma legítima de alegar a inferioridade racial de uma pessoa.

Se F. tem 0.02m a mais no eixo maior da oval de sua cabeça, não é inferior em relação a B., que tem menos, porque ambos são da mesma raça, contudo, em se tratando de raças diferentes, está aí um critério de superioridade.

As mensurações mais idiotas são feitas, e, pelo complacente critério do sistema métrico, os grandes sábios estabelecem superioridades e inferioridades.

Não contentes com isso, buscam outros dados,

⁴¹BARRETO, Lima. *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá*. Belo Horizonte: Garnier, 1990, p. 91.

⁴²SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 88.

⁴³SCHATZMAN, Morton. *Loucura e Moral*. In: FORTI, Laura. La (org). *Outra Loucura* Mapa Antológico de La Psiquiatria Alternativa. Barcelona, Tusquets Editores, 1976, p. 13.

⁴⁴BARRETO, Lima. *Feiras e Mafuás*. São Paulo: Brasiliense, 19596, p. 191.

os psíquicos, nas narrações dos viajantes apressados, de turistas imbecis e de aventureiros da mais baixa honestidade.

E hoje é para mim motivo de alegria poder eu dizer tal coisa, poder tratar tão solenes instituições com semelhante desembaraço que não é fingido.

É satisfação para minha alma poder oferecer contestação, atirar sarcasmos à soberbia de tais sentenças, que me fazem sofrer desde os quatorze anos.⁴⁵

Mas talvez esteja em *“Isáias Caminha”* a sátira mais eficiente à Antropometria, quando um doutor baiano de nome Franco de Andrade⁴⁶ chega ao Rio de Janeiro para desvendar um misterioso crime em Santa Cruz, nos campos de São Marcos.

Penso que o exame médico – legal não se deve limitar a uma simples autópsia...Convinha que se o fizesse mais amplo...A exemplo do que se procede na Índia, onde a confusão de raças é imensa e, portanto, a raça é um bom dado para identificar, seria bom que se fizessem mensurações antropológicas...

– Sem a cabeça, é possível doutor? Perguntou Losque.

– Perfeitamente.

E o grande prêmio da Bahia, alternativamente Maeterlink, Charcot e Legrand du Saule, tomou uns ares doutorais como convinha, e continuou:

– O professor Broca indicava trinta e quatro mensurações de primeira ordem; Topinard era de opinião que havia dezoito necessárias e quinze facultativas; mas Quetelet, na sua *Anthropométrie*, exige quarenta e duas.

A redação estava embasbacada. Todos deixaram de escrever para ouvir o sábio moço. O jovem medalhado passeou um instante pela sala o seu imenso olhar de apetites e ambições. E emendou:

– Dessas, muitas são tomadas nos membros e no tronco: o talhe, a bacia, o emur, etc., etc. Demais, ainda se tem outros dados auxiliares: a seção dos cabelos, o exame microscópico do pigmento... Um operador hábil pode com tais meios indicar perfeitamente a raça e a sub-raça do indivíduo...⁴⁷

Nota-se claramente a menção ao antropólogo francês Broca, de Vacher de Lapouge e ao alemão Otto Ammon, criador da *“Lei de Ammon”*, cujas pesquisas tentavam mostrar através da antropometria que a divisão social deveria ser acompanhada pela divisão racial.

Lima Barreto menciona de forma satírica esta estranha teoria na sua crônica *“Da Minha Cela”*:

Sofri também mensurações antropométricas e tive com o resultado delas um pequeno desgosto. Sou braquicéfalo, e, agora quando qualquer articulista da *“A Época”*, quiser defender uma ilegalidade de um ilustre ministro, contra a qual eu me haja insurgido, entre os meus inúmeros defeitos e capacidade, há de apontar mais este: é um sujeito braquicéfalo, é um tipo inferior!⁴⁸

A radicalidade dos eugenistas concentrava-se, principalmente, na questão do refinamento das análises biotipológicas dos indivíduos, sobretudo no reconhecimento das limitações da técnica antropométrica para a comprovação da inferioridade racial das pessoas. Daí o deslocamento para formas mais sutis de observação, atendo-se também para os estigmas invisíveis e interiores, igualmente importantes na adaptação ou inadaptação dos indivíduos às normas sociais. Pode-se dizer que, a identificação dos traços degenerativos não se resumia mais à exterioridade do corpo humano, mas apontava para uma combinação de aspectos físicos e psíquicos, de maneira que

os seres antes considerados inferiores porque tinham um cérebro algumas gramas mais leve do que o cérebro do homem ocidental, tomado como padrão, passaram a ser considerados inferiores depois porque tinham uma mentalidade pré-lógica.⁴⁹

O que para os eugenistas se afigurava como a solução biológica no combate à degenerescência racial, para Lima Barreto significava o adiamento do ingresso do negro no mercado de trabalho, cuja importância na evolução histórica do trabalho e na acumulação material para o desenvolvimento da economia interna, era acintosamente desprezada com a chegada dos primeiros imigrantes.

Em vez de procurarem encaminhar para a riqueza e para o trabalho a população que já está, eles, por meio de capciosas publicações, mentirosas e falsas, atraem para a nação uma multidão de necessitados cuja desilusão, após certo tempo de estadia, mais concorre para o mal-estar do país.⁵⁰

⁴⁵BARRETO, Lima. *Um Longo Sonho do Futuro*. Rio de Janeiro: Graphia, 1993, p.p. 71-72.

⁴⁶É bem possível que Lima Barreto esteja referindo-se a Nina Rodrigues, pesquisador e professor baiano, cuja importância está em ser um dos fundadores da Medicina Legal brasileira, e um dos principais intelectuais que propiciaram o surgimento de uma Antropologia Nacional.

⁴⁷BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isáias Caminha*. São Paulo: Ática, 1995, p.p. 124-125.

⁴⁸BARRETO, Lima. *Bagatelas*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 101.

⁴⁹CORREIA, Mariza. *Antropologia e Medicina Legal: variações em torno de um mito*. In: Caminhos Cruzados, São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 55.

⁵⁰BARRETO, Lima. *Os Bruzundangas*. São Paulo: Ática, 1995, p. 44.

Um dos temas centrais dos eugenistas foi o da esterilização racial.⁵¹ Quando os eugenistas falam em esterilização racial, deixam claro suas desconfiças em relação ao hibridismo étnico do povo brasileiro, mostrando com intenções discriminatórias e preconceituosas, que a miscigenação poderia desqualificar o branco, enfraquecê-lo geneticamente e torná-lo vulnerável à loucura.

Vai se estendendo, pelo mundo, a noção de que há umas certas raças superiores e outras inferiores, e que essa inferioridade, longe de ser transitória, é eterna e intrínseca à própria estrutura da raça.

Diz-se ainda mais: que os mestiços entre raças são um vício social, uma praga e não sei que coisa feia mais.

Tudo isto se diz em nome da ciência e a coberto da autoridade de sábios alemães.⁵²

O forte impacto de teorias europeias e a sua influência nos debates concernentes à cota de imigrantes que deveriam ou não ser aceitos no país, esbarrava na ideia de que o mundo era formado por categorias raciais rigidamente separadas e absolutamente desiguais. Procurava-se caracterizar essas discussões como científicas, e não como simplesmente políticas e jurídicas. Entre as teorias, estava enraizada nos eugenistas a crença de que os imigrantes africanos e asiáticos carregavam consigo os genes da loucura, daí a aversão a qualquer forma de miscigenação, condenando os cruzamentos raciais e ferindo com o ostracismo os mestiços, alegando que estavam defendendo o renascimento de uma "raça pura". Ao admitirem a exclusividade da doença mental entre as raças não brancas e a tendência destas mesmas para a proliferação da loucura na sociedade, tinham em mente estabelecer, pelo menos teoricamente, uma estratégia que fincasse as bases de uma identidade nacional homogênea, que seria instituída com a supremacia dos brancos e pelo respectivo processo de branqueamento dos negros. A teoria do branqueamento era um poço de contradições, pois como pensar no branqueamento da população, ao mesmo tempo em que se condenava os cruzamentos raciais e, como considerar um indivíduo como branco se no menor traço de ascendência negra, acabaria sendo classificado como mulato e, na sua forma radical americana, como negro?

Considerações Finais

A representação do negro presente na modulação de códigos médicos, pode ser interpretada como um acumamento forçado do negro no espaço social. Diga-se mais: os negros e os mestiços não eram representados como pessoas normais, mas diferenciados "biologicamente" por intelectuais que estavam empenhados em intensificar suas investidas discriminatórias. O negro não seria apenas um negro, nem o mestiço apenas um mestiço, mas numa projeção do olhar médico, um outro em relação aos outros, algo dividido entre o ser e o não ser, o diferente, o degenerado, o inferior, o louco, o alcoólatra, o miserável, o vagabundo, enfim, identificações que o comprometia dentro de um quadro patológico comparativo que prenunciava o seu fracasso como civilização, povo ou etnia. A construção de uma consciência racista se caracteriza pelo medo do diferente, do outro, no qual as diferenças raciais aparecem como um obstáculo para as "relações de verdade", que somente poderiam ocorrer entre os "semelhantes". Como bem observou Michel Foucault, o racismo, assim como a loucura e a sexualidade, também funciona como um saber/poder. Discriminar ou excluir pelo preconceito é uma forma de estabelecer "discursos de verdades" sobre as raças, que difratadas no cotidiano, geram outras intrincadas relações de poder.

Neste contexto intelectual fortemente marcado por preconceitos, discriminações e propostas políticas, civilizar-se era embranchear-se aos olhos dos europeus e, num segundo momento, correspondia dar início ao processo de renascimento ou regeneração das raças consideradas impuras, de forma a tornar possível e viável a consolidação de valores democráticos na sociedade.

Artigo recebido em: 07/05/2010

Aprovado em: 09/07/2010

⁵¹O inglês Francis Galton, primo de Charles Darwin, é considerado o pai da eugenia. Sua eugenia ficou conhecida como eugenia positiva ou eugenia clássica. "Tinha por objetivo principal criar o haras humano, povoando o planeta de gente sã, estimulando casamentos entre os bens dotados biologicamente (...) No outro extremo, a eugenia negativa, representava a radicalização dos métodos de aperfeiçoamento da raça. (...) As medidas propostas pelos adeptos da eugenia negativa visavam prevenir os nascimentos dos indesejáveis biológica, psicológica e socialmente através de métodos mais ou menos compulsórios (...) a única maneira de livrar a espécie da degeneração seria através da esterilização eugênica (consentida ou não) (...) Por definição, a eugenia negativa prevê também métodos como a eutanásia, o infanticídio e o aborto". DIWAN, op. Cit., p. 50.

⁵²BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*, In: *Um Longo Sonho do Futuro*. Rio de Janeiro: Graphia, 1993, p.71.